

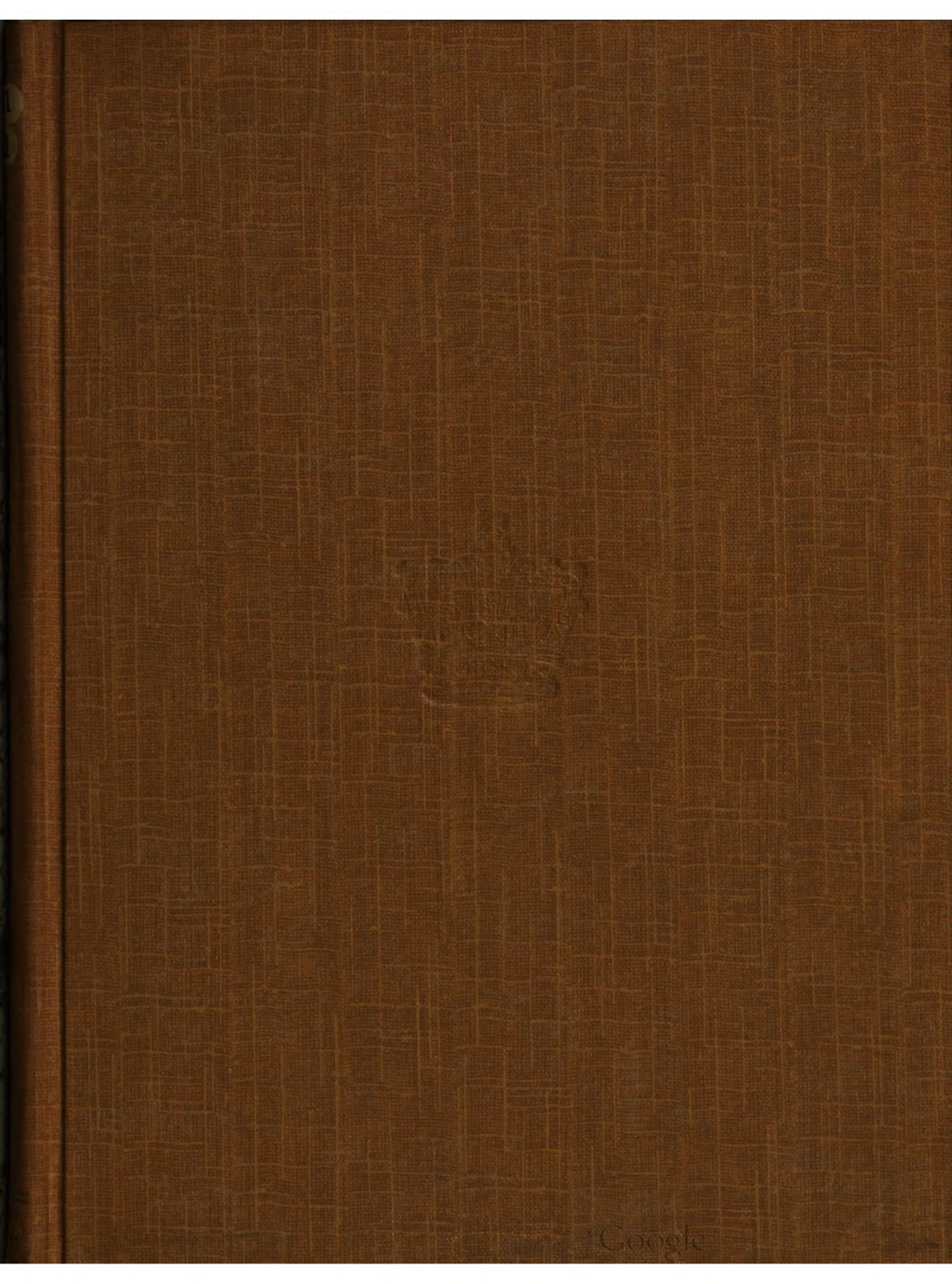
---

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

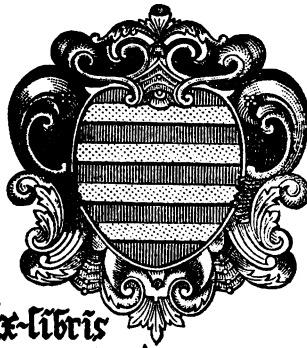
Google™ books

<https://books.google.com>





N.º .....



Ex-libris  
de  
Paulo B. Ferreira

















1471/31

**S Y L V A**  
**DE QUE HUM CORACAM PENITENTE**  
tece as capellas estimulado da inspiração

D O

**TERREMOTO,**

QUE NO SEMPRE MEMORAVEL DIA DE TODOS  
os Santos da Era de 1755. occasionou irreparaveis  
damnos em toda à Lusitania.

**DEDICADA**

AO SENHOR DOUTOR

**FRANCISCO**  
**FERREIRA NOBRE,**

*Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de  
Sua Magestade, e do seu Desembargo, actualmente Corregedor  
da muito nobre, e sempre leal Villa de Santarem.*

**PRODUZIDA**

P O R

**FELIS DA SYLVA**  
**FREIRE,**

*Familiar do Santo-Officio, natural da mesma Villa, e o que  
nella menos merecia a Deos a misericordia, com que o tra-  
tou nos efeitos do mesmo terremoto.*



**LISBOA: M.DCC.LVI.**

**Na Offic. DE MANOEL SOARES.**

*Com todas as licenças necessarias.*

**Vende-se na mesma Officina defronte de N.S. da Per**



# DEDICATORIA.

SENHOR DOUTOR  
**FRANCISCO**  
FERREIRA NOBRE.

**S** E esta obra tivesse outro Mecenaz, não podia com a dissimulação de outros erros adquirir maior motivo para se fazer odiosa aos que tiverão a noticia do incansavel zelo com que V. m. no seu ministerio nos soccorreu dos prompts remedios, de que carecia esta Villa nos effeitos formidaveis do terremoto. Taõ diligente foi V. m. em remediar o acontecido, como prudentemente sábio para o que podia acontecer em damno dos que lograõ a ventura de V. m. lhes administrar justiça com o milagre de unir a brandura à fortaleza com harmonia taõ admiravel, como indelevel para a nossa obrigação. Neste disvelo da justiça deviaõ os moradores desta Villa nas pedras, que se dislizaraõ do alto, mais levantar a V. m. estatuas, que eternizassem o nome de V. m., que applicallas ao reparo das mesmas ruinas, não edificando mais a necessidade, que o agradecimento. Não ignora V. m. que foraõ muitos os rogos, que me determinavaõ a que fosse a presente calamidade objecto de alguma idéa minha, de que me excusei assim porque a minha conducta me impede simi-

lhantes exercicios, como porque a affecção hypocondrica, que me molesta, tornou novas forças com especies todas tristes, bastantes a mudar a condição ainda de animos joviaes: mas disposto a obedecer, não me resolvi a historiar as opiniões da origem deste espantoso phenômeno da terra, e os lamentaveis e feitos, que tem causado em todo o mundo, porque adverti que os sábios o não ignorão: attendi somente a que a Divina Justiça para nos castigar toma por instrumento as causas naturaes, que muitas vezes impede em nosso bem. Levado deste raciocinio, não me ficou liberdade para eleger outra idéa, sendo esta tambem a causa, porque não siga o commum estylo das Dedicatorias na relação da ascendencia dos que protegem semelhantes escritos, por mostrar aos benevolos Leitores não me faltar na mesma relação o accordo de estarmos em tempo de não despertar estimulos ao que os mais devotos julgaõ vaidade: e para dar a conhecer a nobreza de que se adorna huma alma tão grande, basta dizer o cuidado, que lhe deverãõ estas providencias, por não serem mais que effeitos de hum animo fidalgo, e nobilissimo coração de que he infalivel attributo a piedade, que tambem espero resplandeça em dissimulação da ousadia de pôr em tão pouco volume hum nome acreedor de eternidade. Deos guarde a pessoa de V. m. por Nestôreos annos, como deseja a V. m.

Seu mais inutil servo, e reverente criado

Felis da Silva Freire.

SYL

# S Y L V A .

**S**E assim como tens vozes , tens ouvidos ,  
Ouve-me , ó Terra, escuta esses gemidos  
Aonde o desafogo

Refrigera no ambiente a flamma , e o fogo ,  
Porque o teu repentino movimento  
Não deixou mais , que voz para o lamento ;  
Que a afflicção interior , que a alma recata  
O pallido semblante , que a retrata,  
Rouba-lhe a força , o impulso , e a valentia ,  
Quando com judiciosa hypocrisia  
O animo , que ao susto amassa as cores ,  
Dissimula na lamina os horrores ,  
Que com todas as sombras a pintura  
Fôra da Parca a natural figura ;  
Que o esforço tão sómente faz indício ,  
E ajuda-se o valor deste artificio ;  
Porque-, nella admittida  
Toda a dor , fora hum de outro homicida.

Que motivo em desordem  
Pôs a precisa , e inalteravel ordem  
Da natureza ? Que assim trema , e finta  
Terra , a que huma alma anima tão distinta ,  
Em a serie de tantas creaturas ,  
Que em diversas especies , e figuras  
Em o globo terráqueo , e espaço aéreo  
Cobre o rotundo pavelhão sydéreo ;

He

He por hum distintivo

Conjuncto a o racional , e sensitivo.

Porém tu rudo corpo inanimado ?

Bem que homogêneo não , que organizado

Es por hum específico concurso

De causas , que demonstras ao discurso

Variedades incognitas de humores ,

Que officiosos nos vasos interiores ,

Communicação em fluxo successivo

Alimento , que alcança o sensitivo ,

E tambem participa o vegetal ;

Eu te respeito fabrica admiravel ,

Por onde á intelligencia

A perceber se dá a Omnipotencia.

Mas assim ebullido ,

Sem teres nos teus orgaos hum sentido ,

A que estimulo seja para o susto

Nesse terrestre coração robusto

Algum damno , que seja contingente ,

Ou laborando esteja de presente ?

Eu te pergunto attento á similitude

Com que a Divina , universal balança

Da providencia , sem algum ludibrio ,

A mim , e a ti nos pôs em equilibrio ,

Tirando-nos do nada ;

Tu insensivel Terra , eu animada ,

Que para o parallelo

Do meu material foste o modelo ;

Que causa , ou que motivo

( Oh quem para a resposta hum corpo vivo

Bron-

Bronca massa te achara !)

Té obriga com violencia assim taõ rara ;

A vacillar na tua gravidade ,

Que , impellido da tua actividade

O mais alto edificio ,

O que era elevaçõ he precipicio ?

Que obra para huma eterna subsistencia

Conseguir, no conceito , e intelligencia

Do architecto , adquirio ordem Toscana

Naõ inveja a existencia da cabana ,

Que até da architectura

Nas ordens a humildade he mais segura !

Que marmor, competindo aos de Corinto,

Desde o alto capitel ao baxo printo

Naõ desceo ruidozo ?

Que abobeda , ou que tecto portentozo

Sobre o frizo , cornija , e alquitrava

Suberbo descansava,

Se naõ vê nos fraumentos , e destroslos

Dos seus compostos dismembrados ossos ?

Que colóssio , e obelisco

No petipé do seu desenho , e risco,

Ja naõ presumiria

Encher o espaço da regiaõ vazia,

E no seu fundamento

Ser pezada estrutura a outro elemento ?

E hoje mostra essa altura , e segurança

Em o misero estrago em que descansa,

Lavrando-lhe a ruina do edificio

O epitaphio no proprio precipicio.



E se há quem lhe parece

Que tudo quanto expoem , quanto encarece  
A magoa , no impossivel se disliza ,  
E aqui o Delio ardor o hyperboliza ;  
Para ver quanto mais he do que soa ,  
Na presença o figuro de Lisboa ,  
E mostre-me onde estaõ os levantados  
Edificios , que via sublimados  
Nas Jonicas volutas , nas gygantes  
Columnas , igualmente relevantes  
Na fortaleza , altura , e primor da arte ,  
Que as levantou por huma , e outra parte.  
Fiadoras á maquina do teto :  
E o dedo apontará só esqueleto.

E diga-me depois onde o entalhado  
Com toda a valentia illuminado  
Dos pinceis dos Thimantes se descobre ,  
Taõ sublime nesta arte , como nobre  
Dos Ellizipos era na madeira ,  
Que me ha de responder ? que na caveira.

Onde as bem reguladas  
Successivas janelas de sacada ,  
Que taõ grato labor , e beneficio  
A arte lhe tirou do duro officio ,  
A formosura manifestaõ posta ?  
Que nas cinzas , sem dar-me outra resposta.

Que marmor , que talha , e que pintura  
Nos Palacios , e Templos se procura  
Em a Corte do Imperio Lusitania ,  
ás duraçoens não seja hum defengano ?

Sobrevindo voráz , e indá hoje lento ,  
Hum portentozo mar de outro elemento ,  
Que com igual estrago  
Inundou a suberba de Carthago :  
Babilonia confusa , em que o flagelo ,  
( De vinganças finissimo modelo )  
Apenas no catástrophe , em que a humilha ,  
Os muros deixa ver por maravilha.

Esta , que na inexaurivel abundancia  
De todas as delicias redundancia ,  
Taõ celebre no mundo se fizera ,  
Que attracção das remotas naçoens era ,  
Simbolo está de horrores ,  
Que aos extranhos , e seus habitadores  
No móto intempestivo  
Deu no seu cofação sepulcro vivo ;  
Prezoz subitamente onde a vontade  
Mais livre exercitava a liberdade ;  
Porque a mão poderosa , que a quebranta ;  
No que desfáz o carcere levanta ,  
Onde ouvida a sentença do processo  
Da vida á eternidade era o regresso ;  
Que para outra soltura  
A virtude de excella formosura ,  
Que fervorosa , e ardente as mais coroa ,  
Nesta calamidade de Lisboa  
Tanto no effeito as condiçoens perdia ,  
Que nem valer-se a si propria podia ,  
Por não ser admirada ,  
Em principiar por si , bem ordenada ,

Com froxidão negada, e com tibieza  
Ainda da miseravel natureza,  
Aos primeiros affectos,  
Nestes altos de Deos juizos rectos.

Mas, se nelles, ó tu Terra, fataras,  
Quanto de eu ser a causa me increparas,  
Sem mais outro motivo

Do teu pyrophilacio ardente, e activo,  
Com horrida viveza

A's portas, que lhe fecha a natureza,  
Sacudir arrimado

O grilhaõ, que o prendia encarcerado;  
E no ár, em que o fogo vinha envolto,  
Darnos a denotar, no estrago solto,  
Que o de tanta vaidade

O agitou fulminante na impiedade,  
Mostrando-o Deos, que decretado o tinha  
Em hum effeito achaque, e outro mezinha,  
Que d'esse vista aos cegos,  
Para os do Ceo, e naõ da terra, empregos;  
E assim desta maneira

O collirio faria da cegueira,  
Que costumada estava a maõ Divina  
A fazer-lhe de terra a medicina.

Que elemento revoltó, e conjurado  
Deixa de ser effeito do peccado?

Que bem o verifica aquelle dia,  
Que de todos os Santos bem podia  
Tambem denominallo pelo indulto,

Que os tirou donde o Limbo os tinha occulto;

Ja consummada a redempção do mundo  
Quando eclipfado o Sol , e furibundo  
O ár , na expectação do que , pendente  
Na Ara da Cruz , foi victima innocente ,  
A o pezo da maldade  
Trémula , e irada a tua gravidade ,  
Abrindo as campas , levantando os mortos ,  
Mostrou aos vivos neste arrojo abfortos ,  
Que por justo castigo  
Nem este pobre temerozo abrigo  
Te merecia a humana natureza ,  
Removida com tanta fortaleza  
Que ajuizou o grande Areopagita  
Na espantoza , e inaudita  
Revolução , que os orbes abalava ,  
Que ou a do mundo maquina voltava  
A o seu primeiro cáos , ou padecia  
O Author supremo , a quem o ser devia.

Para aos mesmos effeitos obrigarte  
Bastante a causa he , que venho a darte ,  
Que reflexo fazendo  
Nas culpas , com que estou sempre offendendo ,  
Quantas vezes de novo o crucifixo ?  
E he tal a minha obstinação , que fico  
Das tuas vozes aos clamores furdo ,  
Quando para advertirme deste absurdo  
Me dás por exemplares  
Os suberbos palacios , que a milhares  
Se prostram no completo rendimento  
De abaterse o remate a o fundamento ;

E ET sobre ti se cáio, he de maneira,  
Que cuido cáio inda em maior cegueira,  
Crendo casualidade  
Efeito, que do amor, e da piedade  
De Deos fora excluido,  
Se deixara de estar taõ offendido.

Desse monstro salobre nas escuras  
Cavernas, que do Sol as luzes puras  
Nem ainda na esphera enmaranhadas  
Deixas ver, no teu centro encarceradas,  
Por aqueductos varios  
Beneficios, influxos planetarios,  
Recebes em copiosas concurrencias,  
Que elevados subtís ás eminencias  
Das penhas, e dos montes  
De liquido crystal produzes fontes,  
Que no fluxo, em que puro se desfata,  
Se restituo ao mar undosa prata;  
Cõmunicame, ó Terra, esta ventura,  
Que tambem me contemplo penha dura,  
E não terra sómente,  
Na que de inspiraçoens vasta torrente  
A o coração me bate, porque attento  
E levando-as o amor ao entendimento  
Apuradas na fragoa  
Do coração, continuos olhos de agua  
A penha produzira  
Do temor penetrada, que conspira  
O braço Omnipotente,  
Que estremesse da terra o globo ingente,  
E esta

E esta de huma alma racional dotada  
Mais insensivel, que ella, e mais pezada,  
Porque só ebulhida  
Na porção inferior, e endurecida  
Na parte onde o tremor fizesse o effeito,  
De huma oblação, de hum sacrificio aceito.

Nem ainda abatido

O coração, de tanta dor moyido,  
Ponha na boca vozes, que do irado  
Divino Jove ao raio fulminado,  
Impiedades argua  
Para huma Monarchia tanto tua,  
Trazendo por exemplo  
De que nem o Palacio, nem o Templo  
Na ruina, e no estrago, em que os divizo,  
Lhe mereceo anticipado o avizo,  
Que Ninive tivera no Profeta;  
Que o teve na Seraphica trombeta  
Na Corte proclamando do Evangelho  
Deste insulto o reparo no conselho,  
Suspendendo-lhe a voz harmoniosa  
A repulsa, ao caracter injuriosa,  
Que o benigno Prelado excusaria  
Se no ouvida a Evangelica harmonia,  
Acorde na verdade, e na elegancia,  
O mundo não vertera em dissonancia.

A existencia actual de tantos erros  
Te fez, ó Terra, sacudir os ferros,  
Que na tua criação, para a firmeza,  
Te lançou precavida a natureza;

Elles



# DEDICATORIA.

SENHOR DOUTOR  
**FRANCISCO**  
FERREIRA NOBRE.

**S**E esta obra tivesse outro Mecenas, não podia com a dissimulação de outros erros adquirir maior motivo para se fazer odiosa aos que tiverão a noticia do incansavel zelo com que V. m. no seu ministerio nos soccorreyo dos promptos remedios, de que carecia esta Villa nos effeitos formidaveis do terremoto. Taõ diligente foi V. m. em remediar o acontecido, como prudentemente sábio para o que podia acontecer em damno dos que lograõ a ventura de V. m. lbes administrar justiça com o milagre de unir a brandura à fortaleza com harmonia taõ admiravel, como indelevel para a nossa obrigação. Neste disvelo da justiça deviaõ os moradores desta Villa nas pedras, que se dislizaraõ do alto, mais levantar a V. m. estatuas, que eternizassem o nome de V. m., que applicallas ao reparo das mesmas ruinas, não edificando mais a necessidade, que o agradecimento. Não ignora V. m. que foraõ muitos os rogos, que me determinavaõ a que fosse a presente calamidade objecto de alguma idéa minha, de que me excusei assim porque a minha conducta me impede simi-



lhantes exercicios, como porque a affecção hypocondrica, que me molesta, tornou novas forças com especies todas tristes, bastantes a mudar a condição ainda de animos joviaes: mas disposto a obedecer, não me resolvi a historiar as opinioes da origem deste espantoso phenomeno da terra, e os lamentaveis e feitos, que tem causado em todo o mundo, porque adverti que os sábios o não ignoraõ: attendi somente a que a Divina Justiça para nos castigar toma por instrumento as causas naturaes, que muitas vezes impede em nosso bem. Levado deste raciocinio, não me ficou liberdade para eleger outra idéa, sendo esta tambem a causa, porque não figo o commum estylo das Dedicatorias na relação da ascendencia dos que protegem similhantes escritos, por mostrar aos benevolos Leitores não me faltar na mesma relação o accordo de estarmos em tempo de não despertâr estimulos ao que os mais devotos julgaõ vaidade: e para dar a conhecer a nobreza de que se adorna huma alma tão grande, basta dizer o cuidado, que lhe deveraõ estas providencias, por não serem mais que effeitos de hum animo fidalgo, e nobilissimo coração de que he infatível attributo a piedade, que tambem espero resplandeça em dissimulação da ousadia de pôr em tão pouco volume hum nome acrador de eternidade. Deos guarde a pessoa de V. m. por Nestôreos annos, como deseja a V. m.

Seu mais inutil fervo, e reverente criado

Felis da Silva Freire.

SYL-

# S Y L V A.

**S**E assim como tens vozes , tens ouvidos ,  
Ouve-me , ó Terra, escuta esses gemidos  
Aonde o desafogo

Refrigera no ambiente a flamma , e o fogo ,  
Porque o teu repentino movimento  
Não deixou mais , que voz para o lamento ;  
Que a afflicção interior , que a alma recata  
O pallido semblante , que a retrata,  
Rouba-lhe a força , o impulso , e a valentia ,  
Quando com judiciosa hypocrisia  
O animo , que ao susto amassa as cores ,  
Dissimula na lamina os horrores ,  
Que com todas as sombras a pintura  
Fôra da Parca a natural figura ;  
Que o esforço taõ sómente faz indicio ,  
E ajuda-se o valor deste artificio ;  
Porque-, nella admittida  
Toda a dor , fora hum de outro homicida.

Que motivo em desordem  
Pôs a precisa , e inalteravel ordem  
Da natureza ? Que assim trema , e finta  
Terra , a que huma alma aníma taõ distinta ,  
Em a serie de tantas creaturas ,  
Que em diversas especies , e figuras  
Em o globo terráqueo , e espaço aéreo  
Cobre o rotundo pavelhaõ sydéreo ;

He

He por hum distinctivo

Conjuncto a o racional , e sensitivo.

Porém tu rudo corpo inanimado ?

Bem que homogeneo não , que organizado

Es por hum especifico concurso

De causas , que demonstras ao discurso

Variades incognitas de humores ,

Que officiosos nos vasos interiores ,

Communicaõ em fluxo successivo

Alimento , que alcança o sensitivo ,

E tambem participa o vegetavel ;

Eu te respeito fabrica admiravel ,

Por onde á intelligencia

A perceber se dá a Omnipotencia.

Mas assim ebullido ,

Sem teres nos teus orgaos hum sentido ,

A que estimulo seja para o susto

Nesse terrestre coraçã robusto

Algum damno , que seja contingente ,

Ou laborando esteja de presente ?

Eu te pergunto attento á similhaça

Com que a Divina , universal balança

Da providencia , sem algum ludibrio ,

A mim , e a ti nos pôs em equilibrio ,

Tirando-nos do nada ;

Tu insensivel Terra , eu animada ,

Que para o parallelo

Do meu material foste o modelo ;

Que causa , ou que motivo

( Oh quem para a resposta hum corpo vivo

Bron-

Bronca massa te achara !)

Té obriga com violencia assim taõ rara ;

A vacillar na tua gravidade ,

Que, impellido da tua actividade

O mais alto edificio ,

O que era elevaçõ he precipicio ?

Que obra para huma eterna subsistencia

Conseguir, no conceito, e intelligencia

Do architecto, adquirio ordem Tuscanã

Naõ inveja a existencia da cabana ,

Que até da architectura

Nas ordens a humildade he mais segura !

Que marmor, competindo aos de Corinto,

Desde o alto capitel ao baxo printo

Naõ desceo ruidozo ?

Que abobeda, ou que tecto portentozo

Sobre o frizo, cornija, e alquitrava

Suberbo descansava,

Se naõ vê nos fraumentos, e destrossos

Dos seus compostos dismembrados ossos. ?

Que colóssio, e obelisco

No petipé do seu desenho, e risco,

Ja naõ presumiria

Encher o espaço da regiaõ vazia,

E no seu fundamento

Ser pezada estrutura a outro elemento ?

E hoje mostra essa altura, e segurança

Em o misero estrago em que descansa,

Lavrando-lhe a ruina do edificio

O epitaphio no proprio precipicio.

E se há quem lhe parece

Que tudo quanto expõem , quanto encarece  
A magoa , no impossivel se disliza ,  
E aqui o Delio ardor o hyperboliza ;  
Para ver quanto mais he do que soa ,  
Na presença o figuro de Lisboa ,  
E mostre-me onde estão os levantados  
Edificios , que via sublimados  
Nas Jonicas volutas , nas gygantes  
Columns , igualmente relevantes  
Na fortaleza , altura , e primor da arte ,  
Que as levantou por huma , e outra parte  
Fiadoras á maquina do teto :  
E o dedo apontará só esqueleto.

E diga-me depois onde o entalhado  
Com toda a valentia illuminado  
Dos pinceis dos Thimantes se descobre ,  
Taõ sublime nesta arte , como nobre  
Dos Ellizipos era na madeira ,  
Que me ha de responder ? que na caveira.

Onde as bem reguladas  
Successivas janelas de sacada ,  
Que taõ grato labor , e beneficio  
A arte lhe tirou do duro officio ,  
A formosura manifestação posta ?  
Que nas cinzas , sem dar-me outra resposta.

Que marmor , que talha , e que pintura  
Nos Palacios , e Templos se procura  
Em a Corte do Imperio Lusitania ,  
Que ás duraçoens não seja hum defengano ?

So-

Sobrevindo voráz , e indá hoje lento,  
Hum portentozo mar de outro elemento,  
Que com igual estrago  
Inundou a suberba de Carthago ;  
Babilonia confusa , em que o flagelo ,  
( De vinganças finissimo modelo )  
Apenas no catástrophe , em que a humilha,  
Os muros deixa ver por maravilha.

Esta , que na inexaurivel abundancia  
De todas as delicias redundancia ,  
Taõ celebre no mundo se fizera ,  
Que attracção das remotas naçoens era ,  
Simbolo está de horrores ,  
Que aos extranhos , e seus habitadores  
No móto intempestivo  
Deu no seu coração sepulcro vivo ;  
Prezos subitamente onde a vontade  
Mais livre exercitava a liberdade ;  
Porque a mão poderosa , que a quebranta ;  
No que desfáz o carcere levanta ,  
Onde ouvida a sentença do processo  
Da vida á eternidade era o regresso ;  
Que para outra soltura  
A virtude de excelsa formosura ,  
Que fervorosa , e ardente as mais coroa,  
Nesta calamidade de Lisboa  
Tanto no effeito as condiçoens perdia ,  
Que nem valer-se a si propria podia ,  
Por não ser admirada ;  
Em principiar por si , bem ordenada ,

Com froxidaõ negada , e com tibieza  
Ainda da miseravel natureza ,  
Aos primeiros affectos ,  
Nesses altos de Deos juizos rectos.

Mas se nelles , ó tu Terra , fataras ,  
Quanto de eu ser a causa me increpáras,  
Sem mais outro motivo

Do teu pyrophilacio ardente ; e activo ,  
Com horrida viveza

A's portas , que lhe fecha a natureza ,  
Sacudir arrimado

O grilhaõ , que o prendia encarcerado ;  
E no ár , em que o fogo vinha envolto ,

Darnos a denotar , no estrago folto ,  
Que o de tanta vaidade

O agitou fulminante na impiedade ,

Mostrando-o Deos , que decretado o tinha

Em hum effeito achaque , e outro mezinha ,

Que d'esse vista aos cegos ,

Para os do Ceo , e maõ da terra , emprégos ;

E assim desta maneira

O collirio faria da cegueira ,

Que costumada estava a maõ Divina

A fazer-lhe de terra a medicina.

Que elemento revoltó , e conjurado

Deixa de ser effeito do peccado ?

Que bem o verifica aquelle dia ,

Que de todos os Santos bem podia

Tambem denominallo pelo indulto ,

Que os tirou donde o Limbo os tinha occulto ;

Ja consummada a rédemção do mundo

Quando eclypsado o Sol , e furibundo

O ár , na expectação do que , pendente

Na Ara da Cruz , foi victima innocente ,

A o pezo da maldade

Trémula , e irada a tua gravidade ,

Abrindo as campas , levantando os mortos ,

Mostrou aos vivos neste arrojado abfortos ,

Que por justo castigo

Nem este pobre temerozo abrigo

Te merecia a humana natureza ,

Removida com tanta fortaleza

Que ajuizou o grande Areopagita

Na espantosa , e inaudita

Revolução , que os orbes abalava ,

Que ou a do mundo maquina voltava

A o seu primeiro cáos , ou padecia

O Author supremo , a quem o ser devia

Para aos mesmos effeitos obrigarte

Bastante a causa he , que venho a darte ,

Que reflexo fazendo

Nas culpas , com que estou sempre offendendo ,

Quantas vezes de novo o crucifico ?

E he tal a minha obstinação , que fico

Das tuas vozes aos clamores furdo ,

Quando para advertirme deste absurdo

Me dás por exemplares

Os suberbos palacios , que a milhares

Se prostram no completo rendimento

De abaterse o remate a o fundamento ;



Qu'eu sobre ti se cáio, he de maneira,  
Que cuido cáio inda em maior cegueira,  
Crendo casualidade  
Effeito, que do amor, e da piedade  
De Deos fora excluido,  
Se deixara de estar taõ offendido.

Desse monstro salobre nas escuras  
Cavernas, que do Sol as luzes puras  
Nem ainda na esphera enmaranhadas  
Deixas ver, no teu centro encarceradas,  
Por aqueductos varios  
Beneficios, influxos planetarios,  
Recebes em copiosas concurrencias,  
Que elevados subtís ás eminencias  
Das penhas, e dos montes  
De liquido crystal produzes fontes,  
Que no fluxo, em que puro se desfata,  
Se restituo ao mar undosa prata;  
Cõmunicame, ó Terra, esta ventura,  
Que tambem me contemplo penha dura,  
E naõ terra sómente,  
Na que de inspiraçoens vasta torrente  
A o coração me bate, porque attento  
E levando-as o amor ao entendimento  
Apuradas na fragoa  
Do coração, continuos olhos de agua  
A penha produzira  
Do temor penetrada, que conspira  
O braço Omnipotente,  
Que estremesse da terra o globo ingente,

E esta

E esta de huma alma racional dotada  
Mais insensivel, que ella, e mais pezada,  
Porque só ebulida  
Na porção inferior, e endurecida  
Na parte onde o tremor fizesse o effeito,  
De huma oblação, de hum sacrificio aceito.

Nem ainda abatido

O coração, de tanta dor moyido,  
Ponha na boca vozes, que do irado  
Divino Jove ao raio fulminado,  
Impiedades argua  
Para huma Monarchia tanto sua,  
Trazendo por exemplo  
De que nem o Palacio, nem o Templo  
Na ruina, e no estrago, em que os divizo,  
Lhe mereceo anticipado o avizo,  
Que Ninive tivera no Profeta;  
Que o teve na Seraphica trombeta  
Na Corte proclamando do Evangelho  
Deste insulto o reparo no conselho,  
Suspendendo-lhe a voz harmoniosa  
A repulsa, ao character injuriosa,  
Que o benigno Prelado excusaria  
Se no ouvida a Evangelica harmonia,  
Acorde na verdade, e na elegancia,  
O mundo não vertera em dissonancia.

A existencia actual de tantos erros  
Te fez, ó Terra, sacudir os ferros,  
Que na tua criação, para a firmeza,  
Te lançou precavida a natureza;

Elles

Elles fazem, que as flores radicadas  
Nos tres votos ao Empyreo consagradas,  
As candidas, virgineas Assucenas,  
Que as florestas amenas  
Dos claustros, na abundancia  
Dos que respira aromas a observancia,  
Ilustravaõ, ja dellas arrancadas  
Pere rinem na cor mais desmaiadas,  
E cada huma experimente  
Tudo quanto cortada huma flor sente,  
Estragada a frescura  
Participada na habitual cultura  
Que propicios do Ceo faz os rocios,  
Onde do mundo postas nos desvios,  
Mortificada a vista dos seus olhos,  
Tudo eraõ flores, e nada era abrolhos:  
E de que adorno, dize, e gala agora  
Queres, estando assim do jardim fóra,  
Esta flor animada se revista,  
Se o candor diminue em ser só vista.

Tambem, que os Regulares constangidos  
Do susto, e do temor, os escondidos  
Retiros, que buscaraõ voluntarios  
Hylariões, Arcenios, e Macarios  
Habitem, accrecendo á disciplina  
Regular solidões da Palestina;  
Porque a contemplaçãõ no susto interno,  
Naõ busque o temporal mais, do que o eterno.

E o que mais he, (aqui a alma devota  
Do castigo o maior excesso nota)

Que

Que o Eucharistico Paõ todos os dias  
A os pobres se reparta em portarias,  
Onde o espirito justo, que o frequenta,  
Acha a mesa, em que delle se alimenta.

Eu sou o que te abalo  
Nestas repetições, nos mais não falo;  
Porque a todos contemplo  
Em si cahidos para dar-me exemplo:  
De idéa foi Divina  
Esta edificação sobre a ruina;  
Porque a pedra da funda disparada  
Derribou a suberba agyntada,  
Que na de Deos amada Monarchia  
Escandalosa tanto horror metia  
No animo, e no fausto,  
Ja tudo he sacrificio, he holocausto,  
Que os adornos superfluos das Damas  
Ja combustivel pasto foi das chammas.  
Aqui se confundio, parada a idéa  
Do suberbo Membroth, que aonde pentea  
A Delphica madexa o maior Astro,  
Presumia de porfido, e alabastro,  
Elevar o furor, que balbuciente  
A lingua entorpecida, e intercadente,  
Nem a expressão atina  
De deprecar á indignação Divina  
Nem reparo possivel,  
Que a inopia em que se vê faz invencivel.

Até do Capitolio  
Do Luso Jove o magestoso Solio

A elevação aplaca  
Na humilde habitação de huma barraca;  
Em parte onde ao seu animo piedoso  
Não faltará recorde do glorioso  
Domicilio que teve  
O Rey dos Reys, para que o mundo breve  
Receptaculo fora, se a humildade,  
A que abateu tão alta Magestade,  
Escolher hum lugar lhe não fizera,  
Que para achallo, ninguem nega, que era  
O desprezo mais proprio, que o cuidado;  
Até o throno ja renunciado  
Vira de seu heroico, e augusto peito,  
Se parcial do desejo fora o effeito:  
E quando este exemplar assim se admira;  
He syllogismo, de que o juizo tira  
Infallivel, e certa consequencia  
De attender-se geral a continencia.

Em todo o racional, que te pizava,  
Tudo o que nelle em demasia estava,  
Deste tremor na formidavel guerra  
Abalado, prostrado está por terra,  
Como a arvore de fructas guarnecida  
Solta abalada toda a apodrecida.

Pois que, Pastor sagrado,  
Do teu tremendo ayizo estimulado  
Não tira do rebanho vigilante  
E o pasto espiritual a cada instante  
Lhe não dá no districto, vendo o apascenta,  
E a abundancia de que a alma se alimenta?

Ja nos faustos o baculo abatido  
Rege, como quizera ser regido,  
Limitando ao disvelo o rendimento,  
Taõ livre de violento  
A's afflictas ovelhas, que vigia,  
Que sem fazer-lhe fangue a lãa tosquia.

A balança de Astrea  
He a que no Areópago sentença,  
E o pleito indeclinavel desengana,  
Que por ella a facundia Justiniana  
No que a justiça a instrue  
Livre pugne, cõmuta, e diminue.

No bastaõ he milícia  
A que dantes, talvez, era malicia,  
Que em tudo, quanto liga o soldo, e a farda,  
A Ley de Deos com a do Rey se guarda;  
Se mais cedo vieras,  
Mais cedo em pombas transformaras feras:  
Que importa, que o edificio  
Seja eco da tua voz no précipicio?  
E que o Templo, por munto profanado,  
Perdesse a immuidade do sagrado  
Para ver-se violado na esctructura,  
Se a alma elevada em outra architectura  
Desse Empyreo se põem nas eminencias  
Firme nas tres columnas das potencias,  
Em o prumo apuradas  
Do fim para que ao Templo foraõ dadas?  
Que com taõ raro exemplo  
Nenhuma alma ja deixa de ser Templo,

Que o material reparo ;  
Do coração fazendo victima , e ara ;  
Deixando, na tua voz estremecido,  
De toda a carne o espirito despido.

Quem sabe se os thesouros  
Dos diamantes , das perolas , dos ouros ,  
Que fizeraõ , sã bem que lastimosa ,  
Depois do insulto a pira preciosa ,  
Seriaõ para a fede  
Desordenada do appetite a rede ?  
Ou que dos bens eternos esquecido  
Tiveste o coração nelles metido  
Aquelle , a que a abundancia  
O punha delles em maior distancia ?

Oh que este effeito bem considerado,  
Attendendo ao infeliz misero estado ,  
Em que o luxo se via  
Nos ambitos da Lusã Monarchia ,  
Em nada erro , se o dictame figo  
De ser misericordia , e naõ castigo  
Este tremendo brado ,  
Que para despertarnós do peccado ,  
Clamando do profundo  
Tantas bocas abrio em todo o mundo ,  
Idolos derribando á idolatria  
Na regiaõ , que admittia ,  
Por taõ mundano , barbaro interesse  
A luz , que do Evangelho resplandece  
Nos Dominios Christãos ardente, e clara,  
Em que taõ formidavel naõ soara

Se

Se esta radiante luz da Empyrea esphera  
Nos mesmos corações, que illustra, ardera.

Mas oh com quanto ardor he recebida  
Por tantos candelabros distribuida  
Nesta de Abides fundação famosa!  
Que unidos todos em tenção gloriosa  
Vemos de IGNACIO o dividido incendio  
Por muntos filhos em actual dispendio,  
A tantos humilhados, e abatidos  
Corações abraçar pelos ouvidos.

Da Estrella Dominica a claridade  
Illustrallos na sua obscuridade,  
Os dessa alta Deidade Una, e Trina  
Candidos filhos, com igual doutrina  
Inspirar-lhe os candores  
Vivos Etnas em neve, e nos ardores.

Do Seraphim chagado as chammas vivas  
Subministrar-lhes, no fervor activas,  
Com todo o magisterio  
A's horridas feridas o cauterio,

E nas piras do Feniz Africano,  
Em que arde, e brilha a luz do defengano,  
Os finistros affectos consumidos,  
Todos da culpa á graça renacidos.

Os Libanos viventes do Carmelo  
Com exemplar, rarissimo disvelo  
Ardendo sobre o monte em caridade,  
Para mais inflammallos na vontade,  
Pondo do Templo com fervor na rua  
A que veste do Sol, calça da Lua;



Apparição sagrada,  
Em que a alma , que nella arrebatada  
De lagrimas fazia o rendimento ,  
Respirou tanto humano desalento.

Até do Claraval a Luz distante  
Lhe-disparou hum raio fulminante  
Unido a huma doçura ,  
Que quanto ardente fere , suave cura.

E porque a Providencia em tudo sóbre  
No disvelo do espirito taõ *Nobre*  
Em nome , como em seus procedimentos  
De alma , e corpo se uniraõ os alentos  
No mais seguro indissoluel laço ,  
Que nelles póde dar animo , e braço ,  
Ja da ambição o monstro superando ,  
Ja o damno imminente reparando ,  
Sem dar descanso ao corpo a noite , ou dia ,  
Que exemplar naõ deixou á economia ?

Candelabros , que unidos , e applicados  
A hum mesmo fim , nas luzes conformados ,  
Compoem com formosura assáz notoria  
Hum breve rasgo do esplendor da Gloria.

Se estes effeitos noto ,  
E resultas do grande terremoto,  
Acreditando a sua fortaleza  
Tanto mais em lavrar nesta dureza ,  
Que em contrastar suberbos edificios ,  
Como posso negar que beneficios  
Saõ da Altissima Mão , que o ardente raio  
Fulminou , para darnos no desinaio

Aquelle

Aquelle vivo alento,  
Que tanto soffocava o esquecimento?

Extendeo-se de Deos a providencia,  
Involvendo a justiça na clemencia  
Em ordenar que a Terra fructifique,  
( Porque o util no corpo só não fique )  
Tambem para a alma, que este corpo informa:  
Oh estupenda, e admiravel norma  
De mostrar-se-nos Deos pelo castigo  
Quanto mais justiceiro, mas amigo!

Se este effeito, Senhor, que dessa altura  
Sustentais sem fadiga a formosura  
Deste Universo, em que fazeis notoria  
Da Vossa Omnipotencia a immensa Gloria;  
Se este effeito, Senhor, outra vez clamo,  
Ainda que tão clemente vos acclamo,  
Não tiver persistencia,  
Sem ter mais duração a continencia,  
E reforma, que em quanto  
Dos coraçoes se não desterra o espanto;  
Furibundo abalai, não digo a Terra  
Tão sómente, mas tudo quanto encerra  
Ardente, e fulminante  
Essa incorrupta Esphera de diamante,  
E vingativo cáia  
Onde a recta intenção do amor desfmaia.

Desgonze-se, e desfate a ligadura  
Transparente a celeste architectura,  
Que de Astros, que illustra a noite, e o dia,  
Faz ao tecto dourada pregaria,

Sem

Sem deixar hum metheóro ;  
Que não desça a vingar o alto decóro ,  
Que por tantas razões vos he devido,  
Estragado , e offendido.  
Hum , e outro elemento ,  
Que suspenso ficou no movimento ,  
Em furor igualmente conspirados  
A os appetites ja desordenados  
Façam sanguinea guerra ,  
Porque , passado o horror , que fez a Terra,  
A clemencia no estímulo não diga ,  
Que só o amor da vida nos obriga  
A debellar , estremecendo os pólos ,  
Os da Hydra infernal suberbos collos.

Naõ só , Senhor , pacifico , e piedoso  
As ondas aparteis ao pégo undoso  
Para passagem dar ao povo ingrato ,  
Nem só , ó taõ bom Deos , como relato ,  
A desterrar as trevas exteriores  
Columnas levanteis de resplandores  
Para com luz os cegos caminharem ,  
Tambem para fundir , para abrazarem  
Quem do suave jugo a cerviz tira ,  
E ao Idolo profano o rosto vira ;  
Que quanto a idéa aqui furor ordena ,  
Naõ hé castigo equivalente á pena  
Que merece hum delicto de tal sorte ,  
Que só o satisfez á vossa morte.

Que eu , Senhor , nem por este , e outros tremores  
Que a Terra possa ter , em que maiores

Sustos

Sustos padeça a miseravel vida ;  
Nem por essa indelevel , ou cahida  
Celestial morada ,  
Nem porque vacillante , e conspirada  
Toda a ordem demonstre a natureza ,  
Nem por esse infernal lago , me pèza  
De vos ter offendido , e aggravado ;  
Mas por ser a malicia do peccado  
Taõ formidavel á bondade summa  
De hum amorofo Deos , que assim costuma  
Da culpa nos lethargos acordarme ;  
Oh quem me dera tódo penetrarme  
De hum pezar , de huma dor taõ viva , e extensa ,  
Que ja mais lhe faltasse o dom de immensa !

Porém mais facil he perder a vida  
Toda sacrificada , e offerecida  
Para maior martyrio a hum fogo lento ,  
E inda a maior , e mais cruel tormento ,  
Que reincidir nos costumados erros ,  
E tornarme a meter nos duros ferros ,  
Em que preza a vontade não sahia  
A por-se na do Ceo segura via ,  
Na observancia dos vossos mandamentos ;  
Adorando nos seus divertimentos  
Os Idolos , que só canonizava  
O maldito appetite , que os buscava.

De vosso sangue na infusão sagrada ,  
Mar vermelho , por onde encaminhada  
A alma passa á promissaõ da Gloria ,  
Do Egypto desta vida transitoria ,

Al-

Alcançalla confio,  
Que em cada Chaga me offerece hum rio;  
Taõ cheio de bonanças  
Para levarme ao porto as esperanças.  
Se esta resolução, não extinguida,  
Porém de alguma sorte diminuida,  
Tiver de por-se em froxidaõ, e em calma;  
Que me enfraquessa na alma  
A sublime intençãõ do ardor devoto,  
Continue, não cesse, o Terremoto.

F I M.







































B.M. 1962

